

**A ESCRITA LÍQUIDA DE GILBERTO MENDONÇA TELES EM *SACIOLOGIA*
GOIANA**

Clovis Carvalho Britto

“Como o rio de lendas que se cala-
mitoso na linguagem”
(*Ser tão Camões*, Gilberto Mendonça Teles)

Este título, propositadamente, faz alusão aos livros de um sociólogo e de um poeta. Inicialmente, ao questionarmos a existência de uma literatura líquida, navegamos no curso das lições de Zygmunt Bauman (2001) que consideram a fluidez, propriedade dos líquidos e gases, como a principal metáfora para o estágio presente da era moderna. Os líquidos não mantêm sua forma com facilidade, não fixam o espaço nem prendem o tempo, e se movem facilmente: fluem, escorrem, esvaem-se, transbordam, espraiam e, não são contidos, contornam obstáculos, dissolvem outros e invadem o caminho. A “modernidade líquida” teria produzido profundas mudanças na condição humana e em suas narrativas, já que ocasiona a desintegração da rede social e a derrocada das agências efetivas de ação coletiva. A nova leveza e fluidez do poder se apresentam com contornos cada vez mais móveis, escorregadios, evasivos e fugitivos e, para que o poder tenha liberdade de fluir, “o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas. Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja, territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado” (p. 22). No mesmo curso, misturemos as águas. Se, num primeiro momento, é um sociólogo quem utiliza um recurso típico da literatura, a metáfora, para construir sua categoria; selecionamos um poeta que faz uso da figura de linguagem para se aproximar da sociologia. O livro *Saciologia Goiana* (1982), do escritor Gilberto Mendonça Teles, pode ser considerado como um exemplo desses tempos líquidos. O próprio título da obra inunda e subverte as fronteiras entre sociologia e

literatura. A "sociologia" não é um erro de digitação, é um neologismo que bem expressa a incerteza e a insegurança dos novos tempos.

O irônico título, que certamente confunde bibliotecários e leitores desavisados, demonstra uma preocupação em implodir as típicas classificações entre literatura, folclore e sociologia, e nos remete a um espaço determinado: Goiás. Ao lermos a obra poética e alguns comentários críticos, observamos que essa estratégia não é apenas temática, mas estilística, ou seja, que o livro é resultado de uma mistura reconhecida pelo autor e pela crítica. Versatilidade demonstrada na própria trajetória social do escritor goiano que é um homem plural: "nos seus setenta anos, mantém um ritmo invejável de trabalho, de vida e de amor, - escreve poemas, faz crítica, dá entrevistas (jornal, internet, televisão), viaja como conferencista (aqui e além), dá aula, prepara livros, orienta teses" (Vasconcellos, 2007, p. 3) conquistando a cifra de quase cinquenta livros publicados (poesia e crítica) ao longo de mais de cinquenta anos dedicados à carreira universitária. Uma primeira pista foi dada pelo próprio Gilberto quando indagado que seu projeto demonstraria uma versatilidade pós-moderna ao promover uma "unidade na diversidade" das formas: poemas visuais, poemas metrificados, sonetos, versos livres, literatura de cordel, etc.:

Acho que a sua pergunta atinge aqui a força de uma bela definição teórica: ser pós-moderno é misturar tudo, mas sem eliminar a autonomia de cada forma poética. É o camaleão brincando de poeta e lambendo as astúcias miméticas de Aristóteles. Ou do Teles, que mantém a tradição do *aristos*, isto é, de querer o melhor, o excelente. Se essa mistura é mesmo pós-moderna, estou feliz. No Brasil o "pós-moderno" foi uma onda que passou pela universidade, arrastando todos os que só vivem do novo: ser inteligente é citar o último tango de Paris... Aliás, estou falando de barriga cheia, pois um professor da UFRJ, num livro sobre épica, estudou a minha *Sociologia Goiana* como épica pós-moderna. Nunca tinha pensado nisto. Mas concordei com ele: o meu livro era mesmo uma mistura de todas as formas e movimentos literários. (...) A minha "versatilidade" (pena que não é *versutilidade*) me faz ser ou pretender ser um "camaleão": daí a minha *língua comprida, língua de sogra / língua de sabre / língua de sobra / língua demais [...] a língua oca / que pende langue / do céu da boca* (In: Leão, 2001).

Não seria um estilo de escrita característico dos tempos líquido-modernos? Somos tentados a dizer que provavelmente sim, mas apenas um dentre as várias possibilidades que configuram esta tendência, já que as mudanças atuais engendram processos diferentes de organização da vida. Com relação à poética de Gilberto Mendonça Teles, especialmente em *Saciologia Goiana*, os críticos ressaltaram algumas características que corroboram com nossa análise. No ano do lançamento da obra, as primeiras avaliações já sinalizavam que o livro era “uma explosão, um romper de barreiras, um soprar de novos ventos na poética de GMT, em si tão original” (Samuel Penido, 1982) ou que “com jeito de Saci, o poeta, não se compromete com nenhuma corrente literária. Frequenta tanto a vanguarda como a dicção antiga, misturando galhofeiramente tudo, sem levar nada a sério” (Donaldo Schüller, 1982) (In: Teles, 1986). Reconhecendo a aproximação de várias tendências, Fernando Py (2003) afirma que os poemas da coletânea ressaltam um recorte mais popular mesclando textos de sabor experimental com espécimes típicos da literatura de cordel: “Ao sublinhar nesses poemas uma densa carga de humor que subverte as noções básicas de *bom* e de *certo* em matéria poética, com poemas-piada e trocadilhos. Em suma: uma miscelânea de poesia”. Já Carlos Carvalho (2007) identifica a obra como expressão das atuais contradições ou papéis que os indivíduos representam: “o poeta é terno e desabrido, é forte e frágil, é agitador das massas e meditativo nostálgico, é inquieto e passivo, é intransigente e apaziguador, é o sábio das cátedras e é matuto pescador no mesmo falar. Polifacético, polivalente: eis o homem”, e acrescenta que também é possível visualizar que a poesia que “instrumentaliza um ente sobrenatural é a mesma que se posta militante na curva do rio da indiferença contemporânea” (p. 333) se avançando na clara militância da crítica histórica. E é Gilberto Mendonça quem ilumina a aproximação de opostos e uma possível explicação para seu engajamento:

Ele surgiu logo depois de eu ter passado pelos problemas do AI-1 e do AI-5. Ganhei estes diplomas entre parênteses, por estar trabalhando em Goiás e por ser uma pessoa que gostava da literatura. Então, fui afastado. Ao voltar do Uruguai, fui direto para o

Rio, onde já tinha emprego assegurado. Se eu viesse para Goiânia, não teria emprego. Por ficar muito próximo de Brasília, Goiânia falava a linguagem de lá. No período da ditadura, ninguém fazia nada em Goiás sem consultar Brasília. *Saciologia goiana* também reflete esse contexto político. (...) Nesse livro, na verdade, há dois registros: o registro culto, que é a primeira parte, e o registro popular, oral, que é a segunda parte, chamada 'Camongo', em que usei a técnica de cordel, contando a história do AI-5 em Goiás. Há duas camadas de leitura: uma denotativa, a toponímia goiana, por exemplo, em que exploro nomes de cidades e acidentes geográficos, e uma conotativa, em que o que quero dizer vai nas entrelinhas. No escuro da pronúncia (In: Maria e Silva e Bandeira, 2002).

Todos esses indícios desembocam na interpretação de Joel Mello (2007) ao assinalar na obra poética a libertação criadora de uma arte universalizada a partir de fronteiras flutuantes. Análise que revela uma literatura líquida ao reconhecer que na escrita gilbertiana "a fala do rio se desdobra e o poeta/saci, o saci/Outro situa-se no *lugar/entre* da cultura brasileira, enraizada na tensão de *vastidão* e *limite*" (p. 397). É acertada a conceituação do texto de Gilberto Mendonça Teles como uma poética do *entre lugar*, fato que, além de colorir as nuances de uma escritura da modernidade líquida, contribui para que possamos reconhecê-la como intermediária, em um lugar ambíguo, entre a considerada alta literatura e a dita literatura dita banal, num intermezzo que denominaremos, conforme as lições de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), texto rizomático. Em um de seus poemas Gilberto afirma: "E como ninguém pode estar no centro/ (ser neutro é padecer no paraíso)/ optei por ser perfil e silhueta" (Teles, 1986, p. 22).

Saciologia Goianas, nesse caso, seria um exemplo do que Deleuze e Guattari (1995) definem como agenciamento. Segundo entendem, um livro não tem sujeito nem objeto, seria construído a partir de matérias diferentemente formadas, com linhas de articulação, estratos, linhas de fuga, desterritorialização e desestratificação. O livro consiste em um agenciamento, uma multiplicidade em conexão com outros agenciamentos: "não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades" (p. 12). No caso do livro

em estudo, a imagem do saci se torna a representante legítima do ser que agencia. Com uma perna só, a cada pulo sem rumo ele tem que se manter equilibrado. Ele se fixa apenas provisoriamente para se equilibrar e aparece para desestabilizar, para fazer travessuras. Segundo Maria de Fátima Lima (2007), a perna saciológica na obra de Gilberto representa um ponto de encontro, de equilíbrio entre poeta e poesia, símbolo fálico e social. Indica uma tendência para o social, “antes de a perna ser um símbolo fálico, ela é, também, um vínculo social e permite as aproximações, facilita os contatos, suprime as distâncias” (p. 470). José Fernandes (2005) também ressalta que a própria constituição física do Saci-poeta o define como um ser só-sexo e, portanto, metade so-cial, e metade só-cio.

Um rizoma possui formas diversas, conecta num ponto qualquer com outro ponto qualquer e seus traços não remetem obrigatoriamente a traços de mesma natureza, colocando em jogo, desse modo, regimes de signos muito diferentes. Um rizoma é aliança, é um entre, “não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo” (p. 37). Dessa forma, a poética de Gilberto subverte a lógica do livro-raiz cuja lei é a do reflexo. Nele, a escrita não se fixa em um ponto, conecta códigos diversos, regimes de signos e estados de coisas diferentes como um Saci/eu lírico e diversos personagens do folclore ou dos contos de fada tradicionais (iaras, caiporas, negros-d’água, príncipes, fadas, bruxas); artifícios da alta literatura (ritmo, lirismo, paródia, figuras de linguagem, alegorias, rimas eventuais, humor, poesia etc.); temas de áreas diversas (literatura, política, culinária, geografia, história, economia, lingüística etc.); e, como destacou Mário da Silva Brito, recursos de expressão, trocadilhos, ambigüidades, alusões a Camões, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias e a vários modernistas, a sátira, o epigrama, constituindo em “soma das muitas experiências da poesia brasileira, notadamente do modernismo para cá. (...) GMT renova e recria suas fontes, dá-lhes outra fisionomia. Reinventa” (In: Teles, 1986).

Livro múltiplo, resulta de uma escrita de encadeamentos quebradiços cujos poemas, que podem ser lidos aleatoriamente, se opõem, de certo modo, tanto aos livros de poemas clássico, quanto aos livros de outros poetas

contemporâneos. E o livro de Gilberto também faz rizoma com o mundo, é um mapa que contribui para conexão de campos a partir de múltiplas entradas. Assim, a sua escrita pode ser considerada líquida e rizomática, constituída de platôs (sempre no meio, sem início, nem fim): "região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, (...) toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma" (Deleuze e Guattari 1995, p. 33). Escrita que consegue desestabilizar as convenções. Ao romper com os binarismos e com a lógica do livro que imita o mundo, poderíamos dizer que sua poesia é um ser de sensação que existe em si mesmo, saturando os átomos, eclodindo palavras "E tento em vão dizer-te, ensaio o Go,/ mas de repente o i não se articula/ e acabo sempre gaguejando os ais" (Teles, 1986, p. 35).

SACIOLOGIA GOIANA

gilberto
mendonça teles



Fragmentos de uma insaciável saciologia

“Mas isso tudo é matéria
fragmentada e musical, disseminada no poema
e pelas ilhas, no mar que vem de dentro e ressoa
em cada margem”
(*Invocação*, Gilberto Mendonça Teles).

Conforme destacamos no decorrer deste texto, *Saciologia goiana* é um livro de fragmentos, um mosaico que aglutina uma série de formas e temas e que tenta dar unidade na diversidade. A pesquisadora Darcy Denófrio (2005)

assinala que o livro se divide em duas partes: “uma culta, com invocação épica, mas fragmentada em poemas aparentemente sem relação; e uma popular, em versos de cordel” (p. 50), sendo uma empresa épica de amor e vingança a Goiás. Percorramos, então, tais fragmentos no intuito de observar a constituição do projeto criador gilbertiano.

O autor inicia com um Prefácio/Programa, subdividido nas faces sintética e analítica em que, ironicamente, tal como saci que procura o que tem por trás da cortina e debaixo do tapete, lança luzes sobre as estratégias utilizadas pelos agentes do campo literário para a obtenção do reconhecimento da crítica e do público. Prefácio que fornece algumas pistas do seu projeto quando afirma que para seu novo livro de poemas tratou de “investir outros sentidos/ no conteúdo ambíguo que ainda espera” (Teles, 1986, p. 22).

A primeira parte da obra intitulada *Sombras da terra* ilumina, através do “escuro da pronúncia”, nas entrelinhas do texto cheio de evocações, a toponímia e a cultura do Estado de Goiás e o individualismo e as incertezas do homem de seu tempo. Porém, antes de analisarmos alguns ‘fragmentos dos fragmentos’ torna-se importante registrar que tanto os recursos autobiográficos quanto a temática Goiás que perpassam a obra, se estilhaçaram de tal modo que escapam a caracterização regionalista e se universalizam. Goiás e o Saci, desse modo, se tornam ao mesmo tempo metáforas do mundo e do homem atual, e metonímias, partes da aldeia global e líquida em que o poeta, o leitor e a crítica, lembrados no prefácio, estão inseridos.

No poema *Invocação*, que rasga as páginas para trazer a memória do saci, deparamos com uma série de palavras que são significativas e comparecem recorrentemente em outros poemas do livro: subversão, vento, silêncios, solidão, fragmentos, descontinuidades, sombras, cacos, fumaça, eclipse, penumbra, mentiras, desconcertos, água, inconstância, estória, medo, indecisão etc. que remetem para a fluidez dos nossos tempos. Não sem razão, termos como água, correnteza, afluente, nascente, enchente etc. comparecem 68 vezes em todo o livro, além das 95 referências a nomes de rios. Citações que se somadas superam as 28 e as 100 vezes que as palavras saci e Goiás,

respectivamente, comparecem no singular, no plural ou em formas parassinômicas.

Além disso, percebemos que existem múltiplos sacis. saci-passarinho, saci-ventania, saci-pererê que saltitam formando um ziguezague nos finais dos versos e que, por isso, se tornam ponte, intermezzo, entre masculino e feminino:

o sarro do saci
a farra do saci
o berro do saci
a guerra do saci
o birro do saci
a birra do saci
o gorro do saci
a p. do saci
o pulo do saci
a gula do saci (Teles, 1986, p. 38).

Do mesmo modo que, para o poeta, existem vários Goiás, com fronteiras e vãos. Existem o Goiás Estado e estado, o físico com suas cidades e rios, cursos e percursos; o dos discursos, da história, da economia, da política, do folclore; o presente nas falas dos estudiosos ou dos analfabetos; e o Goiás da memória do poeta que é um misto destes e de outros, construído pela linguagem entre lembranças e esquecimentos, foz de irrealidade, unidade (fragmentada) da federação e estado de espírito. Multifacetado, o Eu Saci se apresenta dissonante e consegue subverter o tempo. Por ser mítico torna-se um legítimo porta-voz dos reinícios e das contradições: sempre esteve lá, apesar de não existir. Metáfora que alude ao fato de que cada pessoa tem um mapa mental da cidade em sua mente e que cada mapa tem seus espaços vazios. De acordo com Bauman (2001), para que um mapa faça sentido torna-se necessário que algumas áreas permaneçam sem sentido. Os vãos permitem que as outras áreas brilhem e se encham de significado e, por isso, os vazios de um lugar estão nos olhos de quem vê: “vazios são os lugares em que não se entra e onde se sentiria perdido e vulnerável, surpreendido e um tanto atemorizado. (...) São antes de tudo vazios de significado” (p. 122). Por isso, o poeta ao mapear Goiás não ignora seus vãos:

O vão do Paranã
o vão dos Angicos
o vão do Pe. Bernardo
o vão das Almas.

o esvão do Tocantins
o desvão do Araguaia.

(Os vãos do Planalto
nos vãos de Goiás).

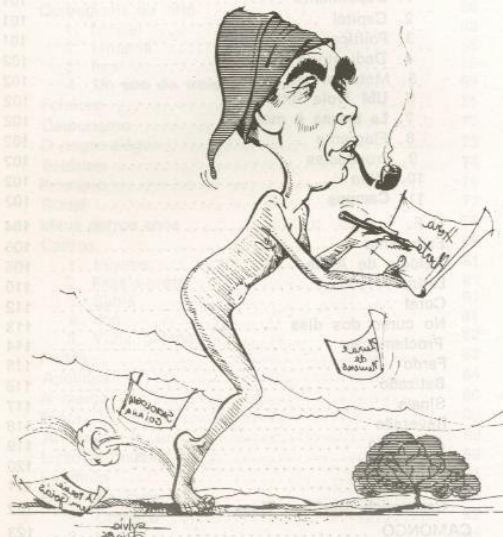
O vão dos vãos
o véu dos vãos
o vão dos vis
de Goiás.

(O vão do palavrão
no carvão de Goiás).

O vão e os vaus
o vão e os vôos
no vão dos que vão
de Goiás.

(O vão do trovão
no socavão de Goiás) (Teles, 1986, p. 98).

SACICATURA, por Sílvio (RJ)



O punho lírico crítico de Gilberto questiona a legitimidade das chamadas narrativas mestras e a linearidade da história, estilhaçando os limites e hierarquias na mistura de vários pontos de irradiação discursiva. Todavia, se nem toda obra contemporânea pode ser considerada pós-moderna ou expressa a liquidez dos tempos atuais, o que contribuiria para que determinadas obras abracem mais agudamente as tensões e contradições sintetizando visões de mundo da modernidade líquida?

Poderíamos pensar a questão no rastro dos estudiosos que entendem que o considerado pós-moderno não constitui uma negação das conquistas modernas e modernistas. Desse modo, um mesmo autor ou escritores de um mesmo contexto poderiam projetar obras modernas e obras que expressam possibilidades e inserções de uma nova (des) ordem. É aí que fluidez se torna uma excelente metáfora. Se na fase sólida, as moléculas estão fortemente ligadas entre si, na fusão as moléculas absorvem energia aumentando a amplitude de suas vibrações. E é a própria liquidez que possibilita não só a coexistência de propostas tão diversas em uma mesma sociedade, como a mistura de uma série de propostas em uma mesma obra. As opções temáticas e formais são possibilidades que dependem das confluências entre trajetórias e contextos, são pulsões expressivas que podem evidenciar ou não as tensões de seu meio. Também podemos ir além e pensar que o fato de uma obra contemporânea não demonstrar agudamente no interior do texto o contexto líquido em que vivemos, se torna uma estratégia de resistência; ou que o que vem sendo definido como pós-modernidade consiste apenas em '*status* de transição, encontrado em todas as grandes fases pré-revolucionárias, em que os artistas (...) se vão sentindo, ou superados, ou indecisos, ou com novas forças de criação e movimento" (Teles, 1964, p. 222).

Além disso, no caso de Goiás, com uma literatura historicamente considerada anacrônica em relação à literatura nacional, seria possível a emergência de uma literatura líquida? De fato a literatura em Goiás foi anacrônica: exemplos citados reiteradamente são o Romantismo que, superado em 1870, atingiu seu apogeu em Goiás por volta de 1900, e o Modernismo que no Estado foi inaugurado de forma contundente somente em 1942. Mas é o próprio Gilberto Mendonça Teles quem reformula este conceito ao reconsiderar o uso da expressão anacronismo: "É impossível, num país continental como o Brasil, com uma diversidade cultural tão acentuada, termos processos culturais simultâneos e idênticos em todo o país" e assinala que "entre uma manifestação cultural que se inicia num lugar e sua exportação para outra haverá sempre um 'anacronismo' que ponho entre aspas, porque ele representa os ingredientes da cultura local" (In: Vasconcellos, 2007, p. 671).

O que devemos reconhecer é que na dinâmica atual com a diluição das fronteiras entre tempo-espço, a tendência é que esse anacronismo fique apenas na memória já que hoje a informação se espraia por longas distâncias em tempo quase imediato. Por isso a literatura líquida pode ser realizada no campo ou na cidade, na província ou na metrópole, seguir determinadas características ou recriar possibilidades constantemente. Consciência expressa no poema *Aspiração*:

Não quero ser o poeta do nosso tempo
nem o poeta do tempo estrito da crítica
ou do tempo complacente de algum leitor
vago e simpático como as conveniências
de mandar e poder até não poder mais.

Quero ser o poeta obscuro do meu tempo,
mas poeta do meu tempo ou do mau tempo
nesta meia-água furtada e sem escritura,
morada do meu ser e dos incríveis
fantasmas que desempenham apenas
as pontas dos papéis picados
caindo na avenida.

Não quero ser o poeta do tempo dos outros.
Quero é apanhar mesmo os meus óculos
e tomar posse das minhas sombras.
Ser ausente e devoluto

- uma terra sem dono

para ser repartida num domingo
de muito vento e chuva no planalto (Teles, 1986, p. 119).

Mas em nossa opinião, é o poema *Greenwich Meridian Time* (p. 122), que encerra a primeira parte do livro, um dos melhores exemplos de como trajetória do poeta se funde fragmentariamente com as instituições e com o seu contexto:

GO	BR	IBGE	CEG	ABDE	ICM
IR	UCG	TG	UFG	AGL	PT
UBEGO	IHGG	IAPC	CX	UDN	
AGI	IPASE	AI-1	CEB		
ACEBU	AI-5	POP	PDC		
IAC	PUC	CI	ICUB		

ABI IR GMT FALB
ACL TRU USU Pt
CNPq Dr PIS
SERJ UFRJ
PASEP RJ
CLF SI
VEMB
GM
T

Conforme destacou José Fernandes (2005), este poema visual é a perna do saci que sintetiza a obra e consiste em uma cifra mandálica. Expressa um conjunto de siglas que se correlacionam com a vida cultural e cotidiana do poeta, juntamente com outras siglas deformadas, montadas e inventadas. Além disso, as iniciais do nome de Gilberto percorrem todo o texto, nas extremidades, no interior, no começo e no fim, evidenciando que “o triângulo visualiza o descontínuo das siglas no contínuo da vida” (p. 269).

A pirâmide invertida se torna síntese e abre caminho para a segunda parte do livro que traz para a obra um saci repentista que, nos versos de cordel ou nas interlocuções com a obra do escritor Hugo de Carvalho Ramos, critica o Estado e o estado das coisas, relembrando um Goiás que à época da publicação do livro era um território em formato de perna e que, agora, é metade fragmentada pela fluidez e pela “saciologia” nossa de cada dia.

Referências Bibliográficas

- BARCELLOS, Paula. O poeta Gilberto Mendonça Teles é eleito intelectual do ano. *Traça-Online*, Entrevista, 26 out. 2003. Disponível em: www.tracaonline.com.br/index.php?edicao=11&secao=3. Acesso em: 29 jul. 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CABRAL, Maria Wellitania de Oliveira. História e metaficção no romance *A casa da serpente*, de José J; Veiga. *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC*, São Paulo, 2008.

CARVALHO, Carlos Gomes de. A sociologia da saciologia gilbertiana. In: VASCONCELLOS, Eliane (Org.). *A plumagem dos nomes: Gilberto, 50 anos de literatura*. Goiânia: Kelps, 2007.

CARVALHO, Maria Luíza Ferreira Laboissière de. *Tradição e modernidade na prosa de Miguel Jorge*. Goiânia: Editora da UFG, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

DENÓFRIO, Darcy França. *O redemoinho do lírico: estudos sobre a poesia de Gilberto Mendonça Teles*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FERNANDES, José. *O selo do poeta*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2005.

GILBERTO Mendonça Teles ganhou o Juca Pato 2002. *Jornal da UBE*, São Paulo, 2002.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

IANNI, Octávio. Sociologia e literatura. In: SEGATTO, José Antônio; BALDAN, Ude (Orgs.). *Sociedade e literatura no Brasil*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

LEÃO, Rodrigo de Souza. O mestre na lida com o lúdico. *Rascunho*, Curitiba, abril de 2001.

LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. O signo da volúpia. In: VASCONCELLOS, Eliane (Org.). *A plumagem dos nomes: Gilberto, 50 anos de literatura*. Goiânia: Kelps, 2007.

MARIA E SILVA, José; BANDEIRA, Marcos. Um Saci paradoxal. *Opção Cultural*, Goiânia, 14 maio 2002.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A sociedade líquida: Zygmunt Bauman. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 out. 2003.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PY, Fernando. Hora Aberta. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis-RJ, 4 maio 2003.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. *Formação épica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Elo, 1987.

TELES, Gilberto Mendonça. *Saciologia goiana*. 3. ed. Goiânia: Cerne, 1986.

TELES, Gilberto Mendonça. *A poesia em Goiás*. Goiânia: Imprensa Universitária, 1964.

VASCONCELLOS, Eliane (Org.). *A plumagem dos nomes: Gilberto, 50 anos de literatura*. Goiânia: Kelps, 2007.